

As virtudes medicinais do tabaco, a ‘erva santa’, descritas por um missionário europeu no Oriente (c. século XVI)

The medical virtues of tobacco, the ‘holy herb’, described by a European missionary in the East (c. 16th century)

Ana Carolina de Carvalho Viotti 

Universidade Estadual Paulista. São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: Provavelmente em meados do século XVI, um religioso europeu de nome Leonel de Sousa, em missão às partes mais a leste do mundo conhecido, registrou, em um manuscrito de dez fólhos, a “Vertude da Erva Sancta que he o tabaco” (n.d.). Ali, anotou os mais destacados usos da planta americana, as doenças para as quais seria útil e as formas mais precisas de manusear o elemento e extrair dele seu potencial curativo. A erva a que se refere, o tabaco, não gozava do predicado de ‘santa’ inequivocamente, sobretudo entre outros homens de fé que, em escritos diversos, sublinharam os vícios despertados por seu consumo, o que torna a compilação merecedora de uma análise mais detida. É à transcrição integral deste manuscrito, acrescida de breves comentários e indicações, que este texto se dedica.

Palavras-chave: Tabaco. Plantas. Medicina. Saúde. Oriente.

Abstract: Probably in the mid-16th century, a European religious named Leonel de Sousa, on a mission to the easternmost parts of the known world, recorded in a ten-folio manuscript, the “Vertude da Erva Sancta que he o tabaco” (n.d.). There, he has revealed the most prominent uses of these American plant, such as diseases for which it was useful and the most accurate ways to handle and extract the potential healing components of the natural element. The herb he referred to as ‘holy’, the tobacco, was not unequivocally seen as so, especially among other priests or religious men who in diverse writings, underlines the addiction that could be aroused by its consumption. This characteristic makes the compilation worthy of a more thorough analysis. It is to the full transcription of this manuscript, with brief comments and indications, that this text is dedicated.

Keywords: Tobacco. Plants. Medicine. Health. East.

Viotti, A. C. C. (2020). As virtudes medicinais do tabaco, a ‘erva santa’, descritas por um missionário europeu no Oriente (c. século XVI). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(1), e20190147. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0147

Autora para correspondência: Ana Carolina de Carvalho Viotti. Universidade Estadual Paulista. Avenida Eufrásia Monteiro Petrágia, 900 – Franca. São Paulo, SP, Brasil. CEP 14409-160 (carolina.viotti@unesp.br).

Recebido em 11/12/2019

Aprovado em 04/02/2020



Todos os alimentos são geralmente difíceis de desgastar, mas Deus remediou isto com uma erva, cujo fumo muito ajuda a digestão e a outros males corporais e a purgar a fleuma do estômago. . . .

Eu teria dela precisão por causa da umidade e do meu catarro, mas eu me abstenho de querer *quod mihi útil est sed quod multis ut save fiant* (Leite, 1956, pp. 156-169)¹.

É esta uma das primeiras menções ao tabaco em língua portuguesa, presente em uma carta do conhecido Padre Manuel da Nóbrega dirigida a seu confrade Simão Rodrigues, que se encontrava em Lisboa, remetida de Porto Seguro aos seis dias do primeiro mês de 1550. Com um elogio às suas propriedades curativas e com uma ressalva moral, é a planta apresentada aos familiares e membros da Companhia de Jesus do outro lado do Atlântico. Muitos foram os que, depois dele, teceram recomendações, pautados, sobretudo, no que viam e ouviam dizer do emprego do tabaco pelos naturais da *terra brasílis*. Em seus depoimentos, a terapêutica (e a sociabilidade) relacionada ao consumo do tabaco – erva santa, erva de todos os males e erva da rainha mãe (Léry, 1972)² ou, como referiram-se os viajantes europeus, *petum pytyma*, *bettin*, *petigma* *petume*, *peti*, *pitim* (Burton, 2001; Kell, 1966) (são muitas as variantes!) –, se era feita com ele mascado, aspirado como rapé, inalado em cachimbos ou cigarros, bebido ou aplicado sobre o corpo, pode ser cotejada como uma entre as diversas temáticas abordadas – os costumes dos indígenas, as benesses da terra, as formas de melhor se estabelecer no território, os sucessos ou as frustrações missionárias –, quer dizer, não é o tema exclusivo dessas cartas, crônicas ou tratados, embora seja uma referência constante. Na verdade, a própria temática da conservação ou do restabelecimento da saúde não se caracteriza, ao fim e ao cabo, como alvo primeiro dos supracitados letrados e homens pios.

Há, porém, uma série de documentos que se encaminham nesta direção, oriundos também das penas

dos jesuítas e, entre eles, um que expõe, de forma bastante específica, os conhecimentos sobre as aplicações da erva santa para fins terapêuticos. Este é o documento que será aqui apresentado, transcrito e comentado, considerando-se que fora através de uma sistemática troca de informações – um dos pilares do carisma da Ordem, é verdade, como estratégia para garantir a coesão e a solidariedade de seus membros (Castelnuovo-L'Etoile, 2006) –, que esses missionários que rumaram a sul e a leste começaram a escrever e a fazer circular (Chambers & Gillespie, 2000, pp. 228-231) a descrição de plantas (Henriques, 1989; Ferrão, 1993) curativas indígenas e orientais (Russell-Wood, 1998, pp. 227-276), incluindo notas descritivas de como identificar, preparar e aplicar drogas nativas até então desconhecidas do europeu (Walker, 2013), como era, então, o tabaco (Febrer, 2001).

Os inicianos passaram a replicar preparações conhecidas, a adaptar remédios às realidades locais e, sobretudo, a compor novas mezinhas em espaços privilegiados dos Colégios (Martín & Valverde, 1995), em um movimento que já não é mais lido como refratário à ciência (Fleck, 2015; Asuá, 2014; Del Valle, 2009; Di Liscia, 2002). E isso quase desde o momento em que se instalam nas regiões colonizadas ou ocupadas pelos lusos, já em meados do século XVI – além, por certo, dos locais que firmaram no Portugal peninsular (Dias, 2009). O estabelecimento das primeiras enfermarias e boticas jesuítas datam, na Ásia, para se ter uma ideia, de 1542 em Goa, Índia e Macau e de 1563, apenas um ano depois, na China (Saldanha, 1990, pp. 46-48; Amaro, 1992, pp. 7-11); no Brasil, a maior das colônias portuguesas, há notícias da fundação missionária e assistencial em 1554 para São Paulo e 1549 para Salvador, com início das atividades de atendimento aos corpos enfermos pouco tempo depois. E desde então, cada vez mais sistematicamente, reuniram,

¹ Esta antiga expressão latina é original do evangelho (1 Cor. 10:25) e apareceu, pela primeira vez, ligada ao tabaco nos escritos do padre Manuel da Nóbrega (Nóbrega, 1988, p. 112). Foi traduzida por Caldeira (2008, p. 9) como: “Não o que é útil para mim mas para o maior número, a fim de que sejam salvos.”

² Como homenagem à Rainha Catarina de Médici (Léry, 1972).



mesclaram, apropriaram-se, ressignificaram e difundiram informações sobre a flora autóctone e seus usos para curar corpos, mesmo sendo 'médicos da alma', a fim de cumprirem seus objetivos missionários e angariarem fundos nada desprezíveis para a Ordem (Walker, 2009).

CADERNOS OU COLEÇÕES DE RECEITAS DOS JESUÍTAS

É nesse contexto em que uma das ricas 'coleções de receitas' dos jesuítas, ou 'cadernos de receitas' (Gesteira et al., 2019), é organizada. Trata-se do "Breve compendio de varias receitas de medicina" (n.d.), uma miscelânea de notícias sobre as ervas do oriente (Zupanov, 2005; Harris, 1999, p. 214), as formas mais úteis de curar as doenças de lá e as receitas testadas por doutores e por padres radicados a leste, manuscrito de 155 fólios, salvaguardado pela Biblioteca Nacional da França (BNF) em volume, até onde sabemos, único. Seu texto mais antigo fala sobre as "Esperiencias das hervas orientaes que sua Mage[s]tade mandou fazer ao vizorey Mathias de Albuquerque, anno de 1596", mas, provavelmente, o organizador do tomo seria um religioso enviado a Macau apenas em 1656, o flamengo Francisco Rougemunt³ (Rodrigues, 1944, p. 163). Seu nome consta na primeira página da encadernação e, ao que tudo indica, ele teria tomado algumas notas para uso pessoal do levantamento remetido ao vice-rei antes de seu envio à Ásia; úteis, por certo, na missão que o aguardava.

O 'livro', no entanto, não é homogêneo, sendo composto por outros textos, além das citadas "Esperiencias das hervas...": "Regimendo das virtudes da rais de madre de Deos de Malaca"; "Regimento para o que serven os pelourinhos, do P. Francisco Homem da Companhia de Jesu"; "Mezinhas tresladadas de hum livro de maõ do P.

Luca Perez"; "Regmento da pedra do bezar, do mesmo Doutor Dimas"; "Receitas [que] dizem foraõ do Conde de Vidigeira" e outros. Por serem identificados com autorias diferentes e com grafias bastante díspares entre si – inclusive com notas em francês, latim e mandarim –, é corroborada a suposição de que o missionário flamengo 'ajuntou' notas produzidas por outras pessoas às suas. Com sinais claros de uso e manejo, o volume parece ter sido reorganizado em algum momento, já que a paginação do conjunto de textos aparece riscada e refeita.

O MANUSCRITO SOBRE A ERVA SANTA

É nesta obra que encontramos um texto inteiramente voltado ao uso medicinal do tabaco, de maneira organizada e com pormenores, intitulado "Vertude da Erva Sancta que he o tabaco" (n.d.), assinado pelo padre Leonel de Sousa⁴. Embora o compêndio seja referido em alguns estudos sobre a presença lusa na Ásia, esse manuscrito relacionado à erva santa fora abordado, até onde pude constatar, apenas por Fernando Amaral Gomes, na década de 1960, em duas oportunidades: em forma de comunicação, no Congresso Internacional de História dos Descobrimentos (Gomes, 1961), e no livreto "O estudo da erva santa que é o tabaco: manuscrito ignorado do padre Leonel de Sousa" (Gomes, 1962), cujo único exemplar se encontra na biblioteca da Universidade de Utrecht, na Holanda. Pelo quase ineditismo do documento, vale apresentá-lo com algum vagar e indicar, ainda que de maneira inicial, as potencialidades que sua análise guarda e que tem guiado a investigação em curso sobre a medicina praticada pelos inicianos em suas boticas no aquém e no além-mar.

É verdade que a santa erva não se enquadraria no grupo de plantas 'do oriente', posto que, como os muitos

³ Para mais informações sobre François (ou Francisco) de Rougemont, sobretudo relacionadas a outras produções bibliográficas, ver Golvers (1999).

⁴ Consoante à pesquisa de Fernando do Amaral Gomes, não foram encontradas quaisquer referências a ele nas principais crônicas de ordens religiosas – dominicanos, jesuítas e franciscanos (Quétif & Echard, 1719; Leite, 2004). No entanto, é possível supor, a partir da presença do texto em uma compilação do jesuíta François/Francisco Rougemont, que Leonel de Souza obrasse nessa Ordem.

relatos anteriores e coetâneos já indicados asseveravam, sua origem é americana⁵, mas sua presença no volume não causa espanto por três razões principais: em primeiro lugar, pela sublinhada comunicação constante e circulação de informações, de conhecimento – e de produtos – entre os inicianos; depois, pela vulgarização do comércio do tabaco àquela altura; e, por fim, pelas muitas aplicações que a planta teria em benefício da saúde. E quais seriam eles?

O padre Leonel de Sousa, de quem pouco sabemos, inicia as anotações que se dividem em dez fólios com uma observação geral:

Tem a erva santa a virtude de aqueitar, revolver e confortar[,] une e solta as feridas frescas e em breve tempo as cura. Como dizem[,] pô-la primeira intenção alimpar as chagas corruptas abrandando-as e reduzindo-as à perfeita saúde como adiante se verá. (Vertude da Erva Sancta que he o tabaco, n.d., p. 160).

De partida, temos uma amostra do vocabulário associado à planta em sua versão medicinal e que será reiterado pelo missionário, que, ao que tudo indica, era jesuíta: curativa, confortativa; uma erva que resolve, une, solta, limpa, aqueita ou, em suma, 'grande remédio'. Esses predicados repetir-se-ão nas dezenove preparações para males específicos que compõem o manuscrito: para dores de cabeça, para o mal da tinha – “uma espécie de lepra que dá na cabeça e faz cair o cabelo” (Silva, 1813, p. 776) –, para matar piolhos, para o sono (e a falta dele), para corrimentos, para os males do peito, para dores do estômago, para fleumas do estômago, para opilações – “obstruções nos canais ou dutos do corpo” (Silva, 1813, p. 376) –, para cólica e mordexim – “uma doença ordinária dos índios. . . . propriamente indigestão e falta de cozimento” (Bluteau, 1712-1728, p. 577) –, para lombrigas, para fazer desaparecer as sanguessugas, para dores nas juntas, para apostemas (um tumor ou abcesso) e leicenços ('grosso modo', os furúnculos), para dor de dentes, para impigens

(doença de pele comum e contagiosa), para venenos e feridas – com diferentes aplicações em feridas frescas e chagas velhas, sempre, segundo ele, bem sucedidas – e para boubas. Além das receitas para essa quase vintena de doenças, Sousa discrimina as regras gerais para a feitura de seis preparos com o tabaco, a saber: lambedor santo, óleo santo, um outro óleo, unguento santo, lambedor da erva seca e, por fim, o óleo da erva seca.

Ao olhar essas receitas em conjunto, para além de obter uma espécie de listagem de doenças para as quais o emprego do tabaco seria virtuoso, depreendem-se algumas questões: de que maneira a erva deveria ser ministrada? Como ingrediente simples ou como parte de um composto? Ele substituiria algum fármaco já conhecido, com mais virtude, em algum achaque? Como extrair dele a plenitude de benefícios? Como identificar se ele seria, de fato, eficaz para um determinado mal?

PREPAROS E VIRTUDES

Em relação às formas de preparar a erva dita santa, para aplicação, parece ter sido o formato de sumo o mais recorrente, com quinze ocorrências, seguido de nove indicações para uso como óleo, oito para administração de suas folhas (inteiras ou quentes) ou por meio de unguentos, cinco para uso como lambedores, três ocorrências de seu uso da erva pisada, em rescaldo ou como vomitório e apenas duas menções como pó. Aqui, é importante sublinhar que o religioso não recomenda o uso do pó para inalação como rapé, forma usual entre os indígenas do Brasil, e que rendeu algumas críticas e interditos ao consumo de tabaco, mesmo que para fins medicinais, por missionários como o referido Manuel da Nóbrega: nas duas ocorrências da erva em pó, para lombrigas e para fazer desprender as sanguessugas, ela deveria ser ou ingerida, como no primeiro caso, ou, como no segundo, assoprada com um canudo sobre as partes. Vale dizer que, nessa quantificação, considerou-se a possibilidade

⁵ Há mais de sessenta espécies da planta *Nicotiana*: algumas poucas parecem ser nativas da Austrália e a esmagadora maioria é associada ao continente americano.



de haver mais de uma forma de aplicação do tabaco para o mesmo achaque: no caso das feridas frescas, por exemplo, tanto o sumo quanto a folha pisada seriam proveitosos.

A erva santa, que, segundo ele, deveria ser sempre 'colhida no mês de maio', vem para substituir o solimão, uma composição, de acordo com o dicionarista e também jesuíta Raphael Bluteau, de "azogue, sal amoníaco ou salitre e vitriolo sublimados. . . . mortalmente venenosa", se ingerida em excesso, "mas que se toma pela boca com muita segurança e suavidade" (Bluteau, 1712-1728, p. 707), se bem preparada, na função de contraveneno. Ela aparecerá, ainda, como medicamento singular em doze das dezenove receitas; nas fórmulas gerais, com exceção do unguento santo (que seria fabricado com alguma cera, cuja especificação não é fornecida pelo padre), todas levam um ingrediente 'comestível'. No grupo geral de menções ao longo do manuscrito, há leite (citado uma vez), vinagre (5), mel (3), vinho (1), óleos de coco e de gergelim (duas vezes cada), uma proeminência da mistura com açúcar comum ou clarificado (citado sete vezes, com as duas versões aninhadas juntas no gráfico) e certa variedade de outras plantas ou ervas. Nesse grupo, incluem-se malva, com duas menções, acelga, alface, almeirão, chicória, dormideira e erva moura, com uma alusão cada. Assim como o tabaco, essas plantas seriam de fácil acesso não só entre os asiáticos, mas também nos quintais, hortas e boticas dos Colégios 'dos quatro cantos do mundo'.

De posse desses complementos fitoterápicos e da santa erva, proceder-se-ia ao uso do medicamento, em linhas gerais, por oito vias diferentes: esfregando o preparo; untando ou fomentando a parte enferma, através de um pano morno ou de um pano quente; soprando sobre a chaga; ou, com maior frequência, aplicando-o diretamente sobre o mal; ou, ainda, ingerindo-o. Mas

tudo isso só seria possível – ou melhor, só faria com que o enfermo recobrasse a saúde – se a doença e sua manifestação no corpo fossem corretamente identificadas, por isso, um outro aspecto digno de nota está na descrição da malignidade a partir de sua 'qualificação'. O religioso, como outros de sua Ordem que obrariam como enfermeiros ou boticários (Leite, 1952), parece ser versado nos pressupostos da teoria humoral⁶, o grande viés de entendimento das causas das enfermidades daquele tempo – e sendo praticamente uníssona entre os lusos, ao menos até meados do século XVIII (Dias, 2010) –, o que o fez julgar como importante delimitar, tanto quanto possível, a proveniência da doença por essas balizas: fria, quente, fleumática; oriunda de viscosidade ou de ventosidade.

Ao observarmos mais de perto uma dessas receitas, é possível melhor visualizar as estratégias utilizadas pelo padre para preparar, ele mesmo, alguma mezinha ou, como é possível supor, instruir seus possíveis leitores sobre o método correto de manejo do santo ingrediente. Nas indicações de atalhamento dos 'males do peito', por exemplo, identificamos com facilidade alguns aspectos da exposição: suas considerações sobre as causas da doença (no caso, a frialdade, ou os humores frios); a forma correta de ministrar o remédio (pela boca); de que maneira o tabaco entraria na receita (sumo ou lambedor santo); algum ingrediente complementar ao preparo (aqui, o açúcar); a virtude do remédio para a dita doença (abrandar a tosse e purgar o catarro); para quem a fórmula seria destinada (nesse caso, para qualquer idade); e, por fim, algumas advertências sobre a quantidade (não passar de três onças de sumo e não usar de forma contínua, para que a natureza do corpo não se habituassem aos efeitos do medicamento).

⁶ Em linhas bastante gerais, a teoria humoral, também referida como hipocrático-galênica, pressupunha ser o corpo uma espécie de microcosmo, em que as qualidades dos quatro elementos constituintes da natureza poderiam ser encontrados. A saúde seria alcançada ou mantida quando essas partes constituintes, os humores, encontravam-se em equilíbrio; a doença, por sua vez, poderia ser explicada pela sua falta, excesso ou corrupção. Sangue, fleuma, cólera e melancolia são os quatro humores primários, ao passo que seco/úmido, frio/quente, delgado/grosso e doce/amargo configuram-se como suas qualidades, aos pares.



Aqui, além dos aspectos anteriormente avaliados, salta aos olhos a necessidade de observar sua preocupação em destacar o destinatário do remédio – o que se repete em diversos outros, indicados 'para homens', 'para homens e mulheres', 'tanto para grandes quanto para pequenos' – e o constante cuidado para não tomar esse ou aquele composto em excesso, tanto pelo malefício imediato que poderia causar, como pela ineficácia do uso contínuo ou mesmo por suscitar um tipo de vício. Essas advertências, ao mesmo tempo em que especificavam a quem a receita deveria ser ministrada, evitariam que as fórmulas fossem utilizadas em casos impróprios e descredibilizassem o autor.

EXPERIMENTAR E DISSEMINAR O CONHECIMENTO

Nesse mesmo sentido, outro recurso de que se vale o padre Leonel de Sousa – como era, aliás, próprio de seu tempo – é a experimentação como mecanismo de validação do conhecimento. Nas receitas, ele afirma ter testado, provado, utilizado ou aplicado ele mesmo os preparos e sua eficácia, ou, na outra via, quando não teria submetido o método à prova, registrava a informação junto ao passo a passo. É o que faz no caso das dores de dente, a título de ilustração, em que ele anota que "será bom a raiz da dita [erva]", mas afirma que sabe dessa forma de utilização "porque me

disseram, mas ainda não experimentei" (Vertude da Erva Sancta que he o tabaco, n.d., p. 170).

O missionário estava convencido de que a lista de doenças e preparos para emendá-las ainda tinha muito a crescer. Já ao final da última receita, a de boubas, ele registra uma advertência, em que se lê o seguinte:

Outras muitas virtudes tem a erva que até agora não andam em uso e por isso não as ponho aqui, mas o tempo as irá descobrindo para que todos nós aproveitemos delas, o certo é que a erva é proveitosa particularmente aos pobres pela qual razão lhe dei bem o nome que por excelente lhe puseram que é erva santa (Vertude da Erva Sancta que he o tabaco, n.d., p. 87).

Essa expectativa, e mesmo a longa exaltação que faz sobre o uso do tabaco, pode ser explicada, ao menos em parte, pelo maravilhamento do padre Leonel e seus coetâneos nos primeiros contatos com a erva, tomada, então, como quase que milagreira. E mesmo que com o passar do tempo o consumo de tabaco tenha se afastado significativamente do campo dos benefícios médicos para florescer no comércio ultramarino⁷ e que juízos moralizantes sobre os efeitos da planta, sob alguns formatos, tenham se cristalizado, veremos ainda suas aplicações, de forma bem menos sistematizada e não como tópico de um texto inteiro, é verdade, em outras das 'coleções de receitas', também manuscritas, rapidamente mencionadas anteriormente⁸.

⁷ Um balanço historiográfico sobre o papel do tabaco na economia colonial pode ser consultado em Acioli (2005).

⁸ Apenas para indicá-las, destaco que, já no Setecentos, mais precisamente em 1720, o padre Afonso da Costa, missionário da Companhia em Goa, remete-se, em um trabalho que lhe ocupou por mais de três décadas, a "Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasíveis, e saudáveis folhas, em que se deixa ver muitos e singulares remedios assim simplicis, como compostos, que a Arte, e experiencia, a industria, e a curiosidade descubrio, para curar com facilidade quasi todas as doenças, e queixas, a que o corpo esta sogieto, principalmente em terras desituidas de Medicos e Boticos. Copiados de diversos Autores assim impressos, como manuscriptos, de varias noticias e experiencias vistas e aprovadas... Offerecida pelo Padre Affonso da Costa da Companhia de Jesus da Provincia de Goa" (Costa, 1720). Em 1766, já após a expulsão dos inicianos dos domínios lusos, encontramos na "Coleção de varias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia de Macao e do Brazil compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais célebres que tem havido nestas partes" (1766), compilação anônima valorosa para compreender a disseminação do conhecimento médico no mundo colonial português, o emprego da erva santa no 'emplastro magistral', elaborado na Botica do Colégio de Macau (com a referência a 'nicociana') e no 'emplastro de tabaco', do Irmão André da Costa, da Botica do Colégio da Bahia (como tabaco), pelas virtudes curadoras de chagas, e como 'sal de tabaco' na mais famosa receita do mesmo Colégio, a 'Triaga Brasília', entre mais de trezentas preparações médicas detalhadas. A "Coleção de varias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia de Macao e do Brazil compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais célebres que tem havido nestas partes" (1766) foi recentemente editada por Viotti e França (2019).



Ao desenvolverem, disseminarem e, por certo, apropriarem-se de informações sobre um mundo natural que passou a ser experimentado após os movimentos expansionistas lusos, sobretudo nos usos médico-farmacêuticos que dele poderiam ser extraídos, os jesuítas firmaram-se como produtores de ciência, em moldes definidos, e não a ela refratários, como por muito tempo se afirmou. Recolheram, sistematizaram e espalharam, pela observação e pelo contato mais ou menos violento com o nativo, sementes, frutas, folhas e raízes que sanavam os males dos homens da terra e do mar, funções, muitas vezes, até então estranhas àqueles produtos. A exploração das virtudes curativas do tabaco a partir de um manuscrito muito pouco conhecido, transcrito e apresentado integralmente ao leitor, a seguir, pode ser tomada como um exemplo interessante para entender os mecanismos possíveis à época para o movimento (Russell-Wood, 1998) e para a realização de trocas de conhecimento, de produtos, de pessoas; da relação entre as esferas morais e científicas; da ponte possível entre a feitura de um saber temporal, mas sempre cercado de certa inspiração espiritual; da ressignificação de elementos para fins específicos. Trata-se de uma planta que nasce na América e é aproveitada alhures, minuciosamente escrutinada por um religioso, em prol do erário régio, da Companhia e da saúde. É um entre os muitos produtos que transitaram lá e cá, talvez nem todos ‘santos’, mas que deram novos contornos aos cuidados com o corpo no ‘novo’ e nos ‘velhos’ mundos.

UMA PALAVRA SOBRE A TRANSCRIÇÃO

Como supraindicado, este texto busca apresentar, integralmente, a transcrição e a edição da “Vertude da Erva Sancta que he o tabaco” (n.d.), do padre Leonel de Sousa. Para tanto, além do manuscrito salvaguardado pela BNF, tomado como base para este trabalho, as duas

edições localizadas da obra, empreendidas por Gomes (1961, 1962) em um curto espaço de tempo – mas que, ainda assim, diferem entre si –, foram consultadas e as divergências mais significativas entre as opções que apresento (ou mesmo as diferenças entre as duas transcrições conhecidas) são referendadas em notas. Vale dizer que os dois empreendimentos de Gomes (1961, 1962) não dão pistas sobre a trajetória do padre Leonel de Sousa ou apresentam comentários acerca das palavras incógnitas ou, para ele, irreconhecíveis ou ilegíveis do texto.

Optei, pois, por modernizar a grafia das palavras, de modo a facilitar o contato com o documento pelo leitor contemporâneo, bem como incluí, quando necessário, sinais de pontuação que tornam o texto mais próximo da leitura corrente. As indicações das inclusões de sinais gráficos constam entre colchetes []. No entanto, ao contrário do empreendido por Gomes (1961, 1962), mantive o que seriam as linhas do texto como no manuscrito original, de modo que o leitor consiga visualizar a quantidade de linhas e a disposição do texto no livreto. Complementarmente, indico também em notas de rodapé, ao longo do texto, o significado de algumas palavras que potencialmente são desconhecidas do leitor não especializado ou que caíram em desuso e não são facilmente encontradas em dicionários contemporâneos.

Por fim, é importante destacar que a paginação indicada na transcrição segue a numeração atribuída pelo autor, e difere ao longo do manuscrito. Naquele que seria o fôlio 1 da “Vertude da Erva Sancta que he o tabaco” (n.d.), há duas marcações no canto superior direito da página: o número 159, que aparece soberriscado, e, ao seu lado, à esquerda, o número 80. O autor do texto ora mantém a paginação que se inicia com o número 159, ora faz correções a ela; essa variação foi indicada ao longo do documento (Figura 1).



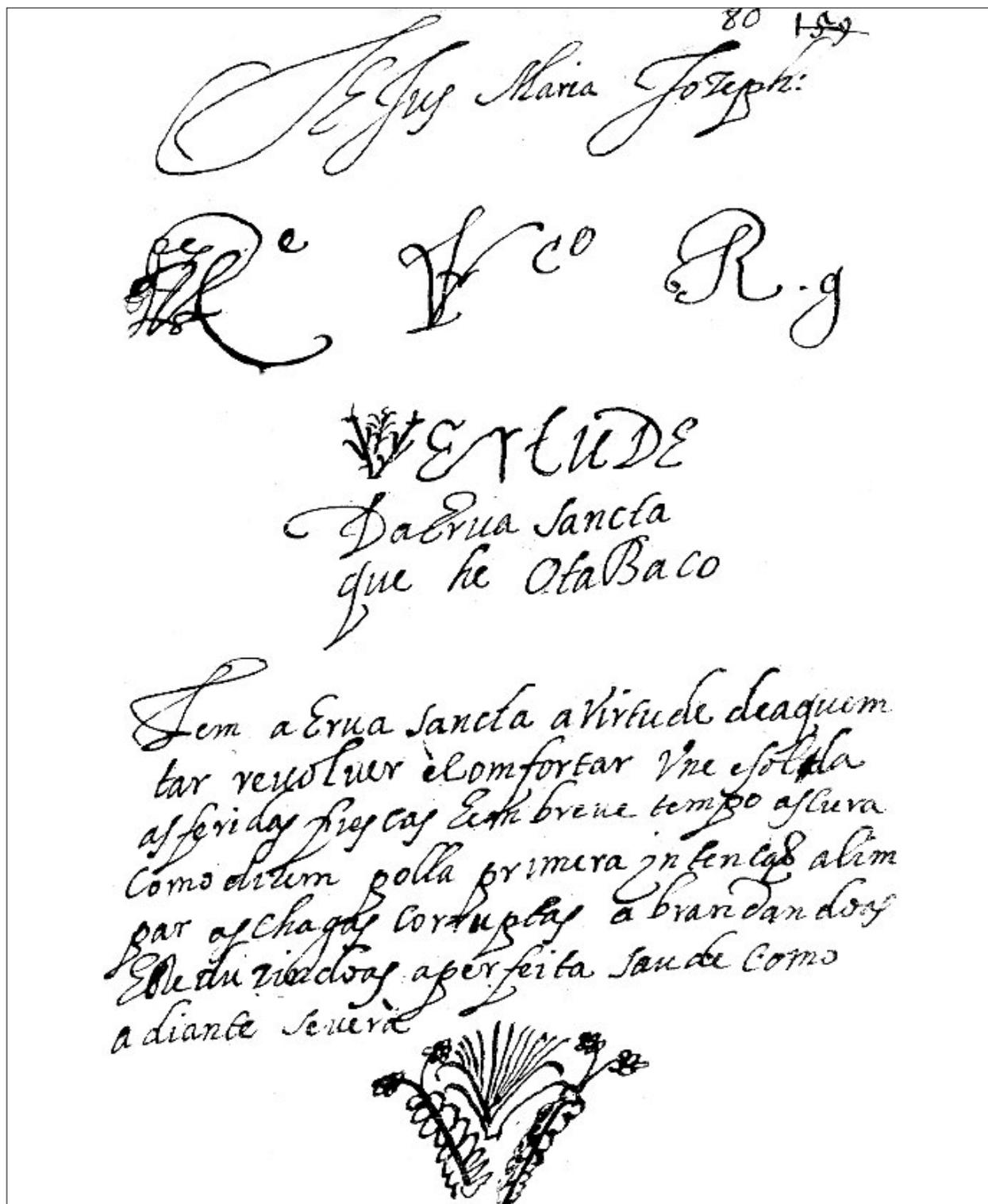


Figura 1. Fólio n. 1 (grafado como p. 80) do manuscrito. Fonte: Vertude da Erua Sancta que he o tabaco (n.d.).

80 159

Jesus Maria José
R^e V^{co} R.g

Virtude
da erva santa
que é o tabaco

Tem a erva santa a virtude de aquestrar
revolver e confortar[,] une e solda
as feridas frescas e em breve tempo as cura
Como dizem[,] pô-la primeira intenção a limpar
as chagas corruptas abrandando-as
e reduzindo-as à perfeita saúde como
adiante se verá[.]

p. 160 - Em branco

p. 81 161

Para as dores de cabeça

Tem a erva santa particular virtude de curar
as dores de cabeça[,] particularmente
as que procedem de coisa fria[,] e da mesma
maneira cura a enxaqueca quando é
de humores⁹ frios o[u] viscosos[,] aplicando-lhe as
folhas quentes no rescaldo[,] repetindo-as¹⁰
todas às vezes que for necessário até que
a dor se acabe. Serve assim mesmo para
as bostelas¹¹ que nascem na cabeça[,] esfregando-as
com as folhas da erva santa
pisada com sumo da dita erva[,] repetindo
às vezes que for necessário[,] e depois se fará
no mesmo lugar uma untura com óleo santo

⁹ Humor pode ser compreendido como líquido que gira e circula nos vasos do corpo humano e nos das plantas para a vegetação de todos os corpos (Silva, 1813); medicamente falando, pelos humores, não se entende só os quatro humores do corpo, como é o sangue, a fleuma, a cólera e a melancolia, mas todas as mais umidades, como é o leite, o esperma e, ainda, os humores excrementícios, como a saliva, as lágrimas e o soro do sangue (Bluteau, 1712-1728).

¹⁰ Há, entre as linhas 5 e 6, uma anotação ilegível, como se se tratasse de uma nota, indicada com o número 1. Essa menção não aparece em nenhuma das duas edições consultadas de Gomes (1961, 1962).

¹¹ Bostela significa pústula ou ferida (Silva, 1813).



de que abaixo notaremos[.] É remédio mui[to] provado e seguro¹² para grandes e pequenos –

Para o mal de tinha¹³

Serve para toda a sorte de tinha¹⁴[.] aplicando-lhe primeiro o sumo as vezes que for necessário até que as bostelas comecem a cair[.] e depois se faça unturas nas mesmas bostelas com o óleo

p. 162

santo[.] particularmente se houver matéria nas bostelas[.] de cada qual destas coisas se tem feito largas experiências.

Para matar piolhos

Para matar piolhos da cabeça ou de outra parte[.] esfregando com a sua folha pisada o[u] sumo dela[.] e não bastando isso pode usar do óleo o[u] unguento[;] e isso se repita às vezes que for necessário até não haver piolhos[.] porque é coisa provada[.]

Para o sono

Aproveita[da] para os que com falta de sono por razão de alguma enfermidade causada de frio[.] como são paralisia[.] apoplexia¹⁵ e as doenças que vulgarmente se chamam de ar[.] molhando pano no sumo da dita erva estando morno e aplicando sobre a testa e fonte¹⁶.

Para corrimentos

Para os corrimentos o[u] outra qualquer dor

¹² Em Gomes (1962, p. 11), consta 'asseguro'.

¹³ Há uma anotação – com transcrição literal, "*scabiejin – star movbus est in capile pueri sus obnoxi*" – que não é indicada em nenhuma das obras de Gomes (1961, 1962).

¹⁴ Tinha corresponde a escábica; sarna chata; espécie de lepra na cabeça (Bluteau, 1712-1728); lepra que faz cair cabelo (Silva, 1813).

¹⁵ Apoplexia significa ataque do cérebro que priva da sensibilidade e movimento, com ronquido e dificuldade de respirar (Silva, 1813); mal que, como raio, fere e derruba subitamente (Bluteau, 1712-1728).

¹⁶ No manuscrito, há a inscrição em latim "*tempore* – [ilegível]", não mencionada nas duas edições consultadas.



causada de frio em qualquer parte
do corpo que seja[,] aplicando suas folhas

p. 82

quentes no rescaldo o[u] molhando¹⁷ panos em seu
sumo morno[,] aplicadas à parte enferma
maravilhosamente aproveita[,] ainda que
seja na cabeça

[para curar membros encolhidos de
frio grandemente[,] serve o óleo da pág. 175 etc.
Esfregando o quente sobre
a parte enferma também esquentada diante do fogo]¹⁸

Para males do peito

Particularmente aqueles que escarram
matéria pela boca quando é causada
de frialdade. E muito particularmente socorre
aos asmáticos[,] tomando pela boca o
sumo da dita erva com um pequeno de
açúcar por três o[u] quatro dias[,] da primeira vez se pode
tomar meia¹⁹ onça²⁰ e depois irá acrescenta[ndo]
conforme a necessidade[,] mas não passe de três
onças[,] posto que não faz mais dano que virar
a cabeça e[,] desta maneira[,] muitas vezes faz vomitar
e lançar muitas fleumas²¹ pela boca.

Também para esta enfermidade pode usar do
nosso lambedor²² santo que abaixo trataremos[,]
que ainda tem mais forças para lançar as fleumas[,]
viscosidades e umidades do peito[,] abranda
a tosse[,] purga o catarro causado do frio e pode-se
tomar de meia²³ onça até duas conforme
a idade e necessidade de cada um porque

[página sem numeração]

¹⁷ Em Gomes (1962, p. 12), está como "no rescaldo e molhando".

¹⁸ Em Gomes (1961, 1962), a passagem é inclusa na sequência da receita, inserindo um ponto final.

¹⁹ Em Gomes (1961, p. 219; 1962, p. 12), se escreve muita.

²⁰ Onça é a duodécima parte de uma libra romana (Bluteau, 1712-1728); medida de líquidos de boticário (Silva, 1813).

²¹ Fleuma significa humor úmido e frio que se acha no corpo humano; flegma; pituita (Silva, 1813).

²² Lambedor é uma composição farmacêutica, de consistência mediana entre o xarope e os eletuários moles, assim chamado porque o enfermo não o bebe propriamente, mas o deixa deslizar aos poucos pela garganta, de certo modo lambendo-o (Bluteau, 1712-1728).

²³ Em Gomes (1962, p. 12), a palavra aparece equivocadamente como "muita".



se for muito faz vomitar e por isso não é bem que se
tome tanto por junto se não de pouco a pouco
aos tragos[.]

Advirta-se que todas as coisas que aqui se fala
não se querem muito continuadas[.] porque uso faz
habituár a natureza de tal modo que depois
não pode fazer a mezinha sua obra
perfeita[.]

Para dores do estômago

Para as dores do estômago[.] quando é de frio o[u] de
Ventosidade[.] aplicando suas folhas quentes
sobre[.] repetindo-as todas às[as] vezes que for
necessário até que a dor se abrande[.] e depois
de feita esta fomentação que assim se chama
se pode fazer uma untura com o óleo
santo o[u] unguento[.] e depois de feita se apartará
o estômago com uma toalha[.]

Para fleumas do estômago

É grande remédio para as fleumas
ou tosse ou sem ela[.] usar do sumo da erva santa
tomando por modo do vomitório²⁴[.] a saber[.]
uma onça de sumo da erva santa clarificado

p. 83 145

outra de mel ou açúcar e meia²⁵ onça de vinagre
tudo junto morno se tome em jejum pela manhã[.]

Outro vomitório para o mesmo[:] meia²⁶ onça de lambedor
Santo[.] quatro oitavas de vinagre
e três onças de água[.] tudo junto morno se tome
pela manhã em jejum[.] advirta-se que estes vomitórios
para fazerem proveito se pode tomar duas
ou três vezes ou acrescentando de cada vez dobrado

²⁴ Vomitório significa medicamento que tomado pela boca obriga o estômago a expelir os maus humores que tem (Bluteau, 1712-1728).

²⁵ Em Gomes (1962, p. 13; 1961, p. 219), a palavra aparece escrita erroneamente como "muita".

²⁶ Em Gomes (1962, p. 13; 1961, p. 219), se escreve erroneamente "muita".



de que fica dito[,] porque estes vomitórios
sendo em grande quantidade não fazem
outro dano que virar a cabeça um pouco[,]
porém nunca se passe de três onças do sumo
e duas do lambedor[,] serve assim mesmo para as
fleumas[,] a erva seja trazida na cabeça por
algum tempo a quantidade que cada um quiser[.]

Para opilações

Aproveita nossa erva santa nas aplicações
do estômago e baço fazendo fomentações
com seu sumo do modo seguinte – uma canada²⁷
do sumo da dita erva e quatro onças de bom
vinagre[,] estando tudo bem quente molhará
panos de lã no dito sumo quanto quente
o enfermo puder sofrer[,] se aplicarão a parte
enferma pondo um pano e tirando.

p. 100²⁸

Outro o que se repetirá dez ou quinze vezes[,]
espremendo um pouco o pano para
que não leve muito sumo[,] e feito isto se
fará uma untura na mesma parte com o
nosso óleo santo morno[,] pode-se isto continuar
oito ou dez dias[,] e querendo fazer
duas vezes no dia pode-se fazer havendo
disposições para isso[.]

Para dor de cólica e mordexim

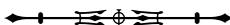
Para dor de cólica e mordexim²⁹

Para todas as cólicas causadas de frio
o[u] ventosidade aplicará no modo seguinte[:]
o primeiro se usará das folhas quentes no
rescaldo[,] aplicado sobre a dor[,] repartindo

²⁷ Canada significa medida de líquidos; contém quatro quartilhos, a duodécima parte de um almude (Silva, 1813).

²⁸ A paginação do manuscrito é 100, mas, em Gomes (1962, 1961), a paginação é 83v.

²⁹ Mordexim é uma doença ordinária entre os índios que enfraquece o estômago e causa contínuos suores, indigestão e falta de cozimento (Bluteau, 1712-1728); cólera-morbo (Silva, 1813).



às vezes que parecer[,] e se com isso não abrandar
fará uma fomentação³⁰ do sumo da dita
erva do modo que fica dito nas opilações dores³¹ do
estômago e depois de feita fará uma untura
sobre a dor com o óleo santo quente moderadamente[,]

p. 84 457

e se com tudo não obedecer[,] darão ao
enfermo³² vomitório[,] a saber uma onça e meia
de lambedor santo[,] duas oitavas de vinagre
e duas de água e tudo morno dê
a beber ao enfermo para que vomite[,] e se
com tudo isto não abrandar[,] aplicarão ao enfermo
uma ajuda do modo seguinte[:] tomará
cozimento de malvas com oito onças
do sumo da erva santa e duas onças de óleo
e uma de mel[,] de tudo se faça ajuda
quente[,] se lhe aplique[,] e sendo caso que
alcance logo se lhe dê outra na mesma conformidade
que acima fica dito[,] porque as ajudas
nas cólicas é necessário que retenham
por muito tempo para mover a frialdade
o[u] ventosidade[,] e se com todos estes remédios
não houver mudança[,] torne a repetir às[as] vezes
que for necessário[.]

Para lombrigas

Primeiramente aplicar as folhas machucadas
sobre o umbigo[,] depois dará a beber duas
oitavas de pós da dita erva seja com

p. 168³³

leite o[u] com açúcar clarificado[,] e isto a pessoas
grandes[:] aos pequenos basta uma oitava de pós
da dita erva, também para o mesmo serve uma

³⁰ Em Gomes (1961, p. 220), está como "fermentação".

³¹ Em Gomes (1961, p. 220; 1962, p. 13), não há indicação da rasura.

³² Em Gomes (1961, p. 220; 1962, p. 13), grafa-se erroneamente "inferno".

³³ Em Gomes (1961, p. 220; 1962, p. 14), aqui se inicia a página F84v.



onça de sumo com um pouco de açúcar o[u] mel,
e da mesma maneira se pode tomar a modo do
vomatório[,] uma onça de lambedor[,] duas de água
e meia de vinagre aproveita também para
deitar as lombrigas[,] untará a boca do estômago
e umbigo com óleo santo e botar-lhe
em cima uma oitava de pós da erva[,] e apertando
com uma toalha par[ã] não lhe cair os
pós.

| para desapegadas

Para sanguessugas

também serve cal viva |³⁴

Para fazer despegar as sanguessugas de qualquer
parte que estiver[,] assim aos homens como
as mulheres[,] tomará um pouco de pós da dita
erva seca[,] os quais meterão em um canudo
de bambu delgado[,] e soprando sobre a sanguessuga
de modo que lhe toque[,] porque em tocando
logo o fez despegar[.] Este segredo me ensinou
uma pessoa grave com o qual se faz em Alentejo
muito serviço a nosso Senhor pelas muitas

p. 85 169

sanguessugas que havia lá naquela terra[.]

Para dores de juntas

As dores[,] sendo de frio[,] aplicará suas folhas
quentes do modo que fica dito[,] repetindo
as vezes que for necessário[,] também o sumo pode
aplicar a modo de cólica e desta maneira
resolve o humor poderosamente[;] e se as dores
forem de humor quente não serve[m] este[s] remédios
que farão dano[,] salvo quando o humor
quente estiver já resolvido, o que tiver de
útil e ficar somente o grosso porque neste caso:
aproveita como se fosse coisa fria[.]
Advirto que não somente nas juntas senão em qualquer

³⁴ Frase situada na linha 1 e entre as linhas 1 e 2 da receita.



parte do corpo que houver dores causadas
de frio o[u] de ventosidade [é virtuosa].

Para apostemas e leicenças

Para apostemas e leicenças³⁵ de toda a sorte[,]
principalmente as que são de frio[,] porque
as desfaz e resolve³⁶ em breve tempo[,] lavando-a
primeiro com o sumo da dita erva quente e pondo
em cima suas folhas machucadas assim mesmo quente[.]
E depois que apostema estiver aberta[.]

p. 170

aberta pode lhe aplicar unguento santo
com a sua mecha se for necessário[,] e quando
não seja fios secos em cima[,] uma prancheta³⁷
do dito unguento[,] e fazendo desta maneira em
breve tempo sararão. Até encourar não tem
necessidade de outra cirurgia[,] e quem usar
desta cura esteja³⁸ certo que nunca [a] apostema
criará corrupção[.]

Para dor dos dentes

Principalmente as dores que são causadas
de humores frios ou de reumas³⁹ caídas da cabeça
lavará primeiro os dentes com o sumo
da dita erva e há de ser morna[,] lavará três
[deixando estar na boca por alguns espaços de cada vez]⁴⁰
ou quatro vezes, que se tomar, depois de feito
isto se meterá uma pequena da erva no
buraco dos dentes se o tiver[,] não tendo buraco
ponha a roda dos dentes, também
será bom a raiz da dita porque me disseram[,]
mas ainda não experimentei[.]

³⁵ Leicença significa tumor com inflamação nas partes carnosas; furúnculo (Bluteau, 1712-1728).

³⁶ Em Gomes (1961, p. 220; 1962, p. 15), está escrito "revolve".

³⁷ Prancheta é um tipo de massa de fios chata, usada para curar feridas (Silva, 1813).

³⁸ Em Gomes (1961, p. 221; 1962, p. 15), consta "esteia".

³⁹ Reuma é um fluxo ou corrimento de humor crasso ou indigesto (Silva, 1813).

⁴⁰ A observação aparece entre as linhas três e quatro da receita. Em Gomes (1961, p. 221; 1962, p. 15), a frase fica apresentada da seguinte maneira: "lavará três o quatro vezes deixando estar na boca por alghu espaço de cada vez que se tomar".



Para impigens

Para toda a sorte de impigens seja nova

p. 86 474

o[u] velha[,] aplicando primeiro o sumo algumas
vezes[,] esfregando a impigem com ela[,] e
depois untará unguento santo as vezes que
for necessário até sarar[.] e[E] para [ter] mais força
este unguento lhe botará outro tanto de
de sumo de alhos o[u] arroz⁴¹[,] fervendo tudo junto
em fogo brando até gastar o sumo[.]

Para veneno e feridas venenosas

Aplicando seu sumo sobre as feridas[,] a
mesma erva quente um pouco sobre o rescaldo[,]
e com este remédio escusa o solimão⁴² de que
antes usavam por ser muito mais eficaz[.]
Serve assim mesmo a dita erva aos que tem veneno
tomado pela boca[,] o[u] seja solimão[,] o[u] cabelo
de tigre[,] o[u] outra qualquer coisa[,] e[,] finalmente[,]
para todo o gênero de peçonhas[,] tomando logo
o sumo da erva santa pela boca [-] a quantidade
de uma onça de primeira vez [-]. e[E] depois se pode
acrescentar⁴³ mais[,] não passe de três onças de cada vez,
e deste sumo serve, por alguns dias[.]

[tomar a dita erva fresca ou seca, mastigada por si só
ou misturada com outra coisa]

Também serve para o mesmo[,] se pode usar

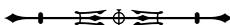
p. 172

do lambedor santo tomando por algumas vezes[,]
quantidade de uma onça por cada vez mais ou menos[.]

⁴¹ Em Gomes (1961, p. 222; 1962, p. 16), se escreve "o parros".

⁴² Solimão é uma composição de azougue, sal amoníaco, ou salitre e vitríolo sublimados e reduzidos a uma massa mortalmente venenosa; veneno. Prepara-se, porém, o solimão de um modo que se toma pela boca com muita segurança e suavidade (Bluteau, 1712-1728). Em Gomes (1961, p. 222; 1962, p. 16), se escreve "o limão".

⁴³ Em Gomes (1961, p. 222; 1962, p. 16), se escreve como "encontrar".



conforme a idade que tem a pessoa[.]
Também para o mesmo será bom tomar uma ajuda que é o seguinte[:] tomará cozimento de malvas com onças de acelgas[.] duas onças da erva santa[.] uma onça de mel o[u] iagra⁴⁴[.] uma onça de óleo santo[.] tudo morno[.] se fará ajuda e se aplique ao enfermo[.] o qual fará para reter muito tempo[.] e sendo caso que alcance logo será bem tomar outra[.]

Para feridas frescas

Para toda a sorte de feridas frescas faz a nossa erva santa espantosas curas[.] porque unindo-as ao sol[.] dando-as pela primeira intenção e depois pouco a pouco as vai trazendo à perfeita saúde.

Modo de curar

Primeiramente lavando-a com vinho quente[.] e se houver necessidade[.] cortando a superfície[.] Feito isto[.] se lhe aplicação panos molhados no sumo da dita erva o[u] a mesma erva pisada[.] e apertando bem se deixe esta erva

p. 87 473

por espaço de 24 horas[.] e passadas se fará outra cura como a primeira[.] e daí por diante[.] pode ir curando com as sobre ditas coisas[.] as vezes que for necessário conforme parece de quem fizer a cura[.] E depois que a ferida tiver matéria[.] se lhe aplicará sua mecha molhada no óleo santo[.] em cima uma prancheta [d]o unguento santo[.] e não havendo buraco para mecha se pode usar de fios secos[.] E somente esta cura se pode continuar até encourar

⁴⁴ Iagra é o açúcar de palmeiras; jagra (Bluteau, 1712-1728).

ferida[,] porque o mesmo unguento tem singular
virtude para isso[.]

Advertência

Em semelhante cura só deve ter muito bom
Regimento[,] e fazendo *exa cura soins*⁴⁵ como sangrias[,]
purgas leves[,] e o que mais parecer o[u] quem curar
conforme a ferida e as feridas que curarem
com o benefício da erva[,] raramente chegarão
[as quais vem logo ou que vier]⁴⁶
a curar herpes nem alguma outra corrupção
[quando venha cura]⁴⁷[.]

Para chagas velhas

Para chagas velhas[,] ainda que sejam de 12 e de 15
anos[,] a nossa erva santa faz maravilhosas
curas, e que aplicando primeiro o sumo
e as folhas e depois o unguento e óleo mais

as chagas sejam lavadas e alimpadas a podridão[.]

Para boubas

Para quem tiver boubas no rosto ou na cabeça[,] do
modo que afetam muito[,] pode-se aplicar o sumo da
erva as partes onde estiverem as boubas[,] e depois
de continuar alguns dias[,] se lhe pode aplicar umas
vezes o unguento e outras vezes o óleo[,] e com isso
se pode curar de todo o corpo[,] senão para as advertir
e afugentar destes lugares que para as demais
se deve usar das curas que apontam os médicos[.]

Outras muitas virtudes têm a erva que até agora
não andam em uso e por isso não as ponho aqui[,] mas
o tempo as irá descobrindo para que todos nós
aproveitemos delas[,] o certo é que a erva é

⁴⁵ O trecho é incluído em Gomes (1961, 1962) como *exe a cura suins*. *Exa*, do latim *exire* (sair, derivar), e, acreditamos, *soins*, em tradução livre do francês, cuidar. As três palavras – *exa cura soins* – estão grifadas no manuscrito.

⁴⁶ Entre as linhas 5 e 6 da 'advertência' da receita. A frase não foi incluída em Gomes (1961, p. 223; 1962, p. 17).

⁴⁷ Linha abaixo da receita. A frase não foi incluída em Gomes (1961, p. 223; 1962, p. 17).



proveitosa particularmente aos pobres pela qual
razão lhe dei⁴⁸ bem o nome que por excelente
lhe puseram que é erva santa[.]

Lambedor santo

Tomarão a erva colhida no mês de maio[.] a quantidade
que quiser[.] a qual se pisará muito bem em gral⁴⁹ de pedras
o[u] de pau[.] espremerá⁵⁰ seu sumo[.] feito isto se cozerá em
fogo brando[.] tirando-lhe a espuma que alevantar por
cima e como não deitar espuma[.] então tomará

p. 88 475

a quantidade que quiser[.] e ajunte com
outro tanto [de] açúcar assim
clarificado[.] e depois ferva tudo junto em fogo brando
até ter ponto grosso de conserva [.]e feito desta maneira
dura um ano[.] e deste lambedor se pode tomar de cada
vez de meia onça até duas conforme a necessidade [de] força[.]
Este lambedor feito desta maneira fica muito forte,
querendo usar de outro mais brando tomará uma parte
de sumo[.] uma e meia de açúcar e de tudo se fará
lambedor pelo modo que fica dito[.] e por esta ordem se pode
fazer mais brando e mais forte conforme a necessidade
de cada um[.] Também se pode ajuntar a este
lambedor quando se fizer para mitigar sua quentura
algum sumo de erva fresca como são almeirões[.] chicórias[.]
erva moura[.] dormideira e outra erva desta sorte como
alface e do sumo da dita erva[.] pode se ajuntar
pouco mais o[u] menos conforme a pessoa a quem se há de
aplicar for mais ou menos quente do fígado[.]

Para fazer óleo santo

Tomará o sumo da dita erva colhida no mês de maio[.]
clarificado a quantidade que quiser[.] o qual ajuntará
outro tanto de azeite de coco que não seja antigo

⁴⁸ Em Gomes (1961, p. 223; 1962, p. 17), se escreve “diz”.

⁴⁹ Gral (de pedra) é um instrumento como vaso fundo de mármore ou marfim no qual se pisam ou trituram medicamentos (Silva, 1813); almofariz (Bluteau, 1712-1728).

⁵⁰ Em Gomes (1961, p. 223; 1962, p. 18), se escreve “e as primeira”.



de muito tempo ou azeite de gergelim[,] e tudo junto
ferva em fogo brando até gastar o sumo que logo
se sai quando não faz matinada no ferver[,] nem
levantar um certo vapor ou umidade que levanta
qualquer licor úmido quando ferve[.]

p. 176

e desta maneira fica óleo perfeito[,] e guarda no vaso de
vidro o[u] vidrado que durará dois anos

Outro óleo

[*vide alium modum quenime*

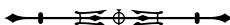
docuit P. Ignacius da Costa 177]⁵¹

Este óleo feito de três permutações que tem mais
força – Tome azeite de gergelim o[u] de coco[,] uma
canada e dois arráteis da erva colhida no mês de maio
machucada[,] e botará no dito azeite em um vaso
capaz, o qual se porá ao sol por sete dias e depois se porá
a cozer no fogo brando até gastar toda a umidade[,]
o qual se conhece quando não faz matinada
nem levantar vapor. Feito isto se coará o azeite e
tire a erva fora[,] e no mesmo azeite se botará outros
dois arráteis da erva e faça como da primeira vez[,] pondo
ao sol e depois se cozerá como fica dito[,] como acabar
fará outra do mesmo modo como fica da primeira e [d]a segunda vez[,]
e quem o fizer desta maneira terá óleo perfeito de três
permutações como de ordinário manda fazer os médicos[.]

Unguento santo

Unguento santo não é outra coisa senão tomar uma
parte de cera e três do óleo de qualquer que seja
do sobredito[,] e querendo unguento mais duro
lhe pode botar mais pouca coisa de cera e não
muito porque a cera não é outra coisa[,] se não para
dar corpo[.]

⁵¹ Esta anotação aparece ao lado esquerdo da receita, referindo que um outro preparo poderia ser encontrado sob o registro do padre Inácio da Costa. Em Machado (1759, p. 303), ver breve menção a este religioso.



Lambedor da erva seca

p. 89 477

Em duas canadas de água[,] estando fervendo[,] se bote meio arrátel da erva seca com o qual dará uma fervura[,] e depois tire do fogo e [a]bafe por espaço de seis horas[,] depois disso coará por um pano[,] depois a mesma água fervendo outra vez se bote outro meio arrátel da erva[,] e por esta ordem se pode dar a dita água mais ou menos infusões conforme quiserem o lambedor mais ou menos forte[,] Depois lhe ajuntará outro tanto [de] açúcar clarificado[,] com qual ferverá em fogo brando até ficar em ponto grosso de conserva[,] e também desta maneira fica o lambedor muito perfeito e durará um ano e tomasse de meia onça até duas[.]

Óleo de erva seca

De infusão da erva seca feita com cinco permutações[,] do modo que para o lambedor fica dito uma parte de azeite de coco o[u] de gergelim e outro tanto da erva[,] e tudo junto ferva até gastar a umidade como acima fica dito[,] feito deste modo fica muito perfeito[,] e deste óleo também se pode fazer unguento[,] ajuntando será na forma que acima fica dito – este é lambedor óleo o[u] unguento que acima falei tratando a virtude da erva santa[.]

*Finis laus deo*⁵²

Leonel de Souza⁵³



⁵² Em referência à expressão latina 'louvado seja Deus' e ao final do texto.

⁵³ Há, após a assinatura, um breve parágrafo quase no rodapé do fôlio, pouco legível e em latim, com indicações, ao que podemos inferir, sobre as virtudes do emprego do óleo de gergelim e do óleo de rosas, indicados nas páginas 175 e 176 (em que constam as receitas de lambedor santo e óleo santo). Não há menção a este pequeno adendo em Gomes (1961, 1962).

AGRADECIMENTOS

Este artigo é fruto das pesquisas desenvolvidas pela autora em estágio de pós-doutoramento realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (PPGHCS/FIOCRUZ), financiado por essa instituição, e sob supervisão da Profa. Dra. Lorelai Brilhante Kury. Faz parte, ainda, das reflexões empreendidas pelo grupo de pesquisa “Escritos sobre os novos mundos” (processo FAPESP 13/14786-6), do qual é membro.

REFERÊNCIAS

- Acioli, G. (2005). A ascensão do primo pobre: o tabaco na economia colonial da América portuguesa – um balanço historiográfico. *Saeculum: Revista de História*, (12), 22-37.
- Amaro, A. M. (1992). *Introdução de medicina ocidental em Macau e as receitas de segredo da botica do Colégio de São Paulo*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Asuá, M. (2014). *Science in the Vanished Arcadia: knowledge of nature in the jesuit missions*. Leiden: Brill.
- Bluteau, R. (1712-1728). *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e oferecido a El Rey de Portugal D. Joaõ V*. (Vol. 8). Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus/Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva.
- Breve compendio de varias receitas de medicina. (n.d.). (n. 59, ff. 2-79v). Biblioteque National de France, Paris.
- Burton, R. (2001). *A Traveller in Brazil, 1865-1868*. New York: The Edwin Mellen Press.
- Caldeira, A. M. (2008). O tabaco: percurso de uma “planta medicinal” entre a América e a Europa. In *Workshop Plantas Medicinais e Fitoterapêuticas nos Trópicos*, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.
- Castelnu-L'Estoile, C. (2006). *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620* (I. S. Cohen, Trad.). Bauru: Edusc.
- Chambers, D. W., & Gillespie, R. (2000). Locality in the history of science: colonial science, technoscience, and indigenous knowledge. *Osiris*, 15(1), 221-240.
- Collecção de varias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia de Macao e do Brazil compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais célebres que tem havido nestas partes. (1766). Archive of the Society of Jesus, Roma.
- Costa, A. (1720). *Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasiveis, e saudiveis folhas, em que se deixa ver muitos e singulares remedios assim simplicis, como compostos, que a Arte, e experiencia, a industria, e a curiosidade descubrio, para curarcom facilidade quasi todas as doenças, e queixas, a que o corpo esta sogieto, principalmente em terras desituidas de Medicos e Boticos. Copiados de diversos Autohores assim impressos, como manuscriptos, de varias noticias e experiencias vistas e aprovadas... Offerecida pelo Padre Affonso da Costa da Companhia de Jesus da Provincia de Goa*. (fl.1720). Londres: Wellcome Library.
- Del Valle, I. (2009). *Escribiendo desde los márgenes: colonialismo y jesuitas em el siglo XVIII*. México: Siglo XXI.
- Di Liscia, M. S. (2002). *Saberes, terapias y prácticas médicas en Argentina (1750-1910)*. Madrid: Consejo Superior de Investiga Científicas Instituto de Historia.
- Dias, J. P. S. (2009). Documentos sobre duas boticas da Companhia de Jesus em Lisboa: Colégio de Santo Antão e Casa Professa de S. Roque. *Economia e Sociologia*, 88/89, 295-312.
- Dias, J. P. S. (2010). Até que as luzes os separem. Hipócrates e Galeno na literatura médico-farmacêutica portuguesa dos séculos XVII e XVIII. In I. Ornellas (Org.), *Revisitar os saberes. Referências clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à época Moderna* (pp. 77-88). Lisboa: Centro de Estudos Clássicos FLUL e IELT.
- Febrer, J. L. F. (2001). Las primeras noticias em Europa sobre el uso medico del tabaco. *Revista de Fitoterapia*, 1(4), 269-276.
- Ferrão, J. E. M. (1993). *A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses*. Lisboa: IICT.
- Fleck, E. C. D. (2015). *Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII)*. São Leopoldo: Oikos.
- Gesteira, H. M., Leal, J. E. F., & Santiago, M. C. (Orgs.). (2019). *Formulário médico: manuscrito atribuído aos Jesuítas e encontrado em uma arca na Igreja de São Francisco de Curitiba*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Golvers, N. (1999). *François de Rougemont, S. J., Missionary in Ch'ang-Shu (Chiang-Nan): a study of the account book (1674-1676) and the Elogium* (Vol. 7). Leuven: Ferdinand Verbiest Foundation K. U. Leuven.
- Gomes, F. A. (1961). Contribuição para o estudo da medicina portuguesa no período da expansão. In *Actas do Congresso International de História dos Descobrimetos*, Lisboa.
- Gomes, F. A. (1962). *O estudo da erva santa que é o tabaco: manuscrito ignorado pelo Padre Leonel de Sousa*. Porto: s/e.
- Harris, S. (1999). Mapping Jesuit Science: the role of travel in the geography of knowledge. In J. W. O'Malley, G. A. Bailey, S. J. Harris & T. F. Kennedy (Eds.), *The Jesuits: cultures, sciences, and the artes, 1540-1773* (pp. 212-239). Toronto: University of Toronto Press.



- Henriques, I. C. (1989). *Plantas e conhecimento do mundo nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Publicações Alfa.
- Kell, K. (1966). Folk names for tobacco. *The Journal of American Folklore*, 79(314), 590-599.
- Leite, S. (1952). Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1549-1760). *Brotéria*, (4), 386-403.
- Leite, S. (1956). *Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil* (Vol. 1). São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.
- Leite, S. (2004). *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Vol. 4). São Paulo: Loyola.
- Léry, J. (1972). *Viagem à terra do Brasil* (S. Milliet, Trad. & Not.). São Paulo: Martins.
- Machado, D. B. (1759). *Bibliotheca lusitana, histórica critica, e chronologica na qual se compreende a noticia: dos authores portuguezes, e das obras, que compozerão defde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prefente* (Vol. 4.). Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- Martín, C., & Valverde, J. L. (Orgs.). (1995). *La farmacia en la América colonial: el arte de preparar medicamentos*. Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada.
- Nóbrega, M. (1988). *Cartas jesuíticas 1*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Quétif, J., & Échard, J. (1719). *Scriptores ordinis praedicatorum recensiti, notisque historicis et criticis illustrati*. Paris: Ballard et Simart.
- Rodrigues, F. (1944). *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal* (Vol. 2-3). Porto: Apostolado da Imprensa.
- Russell-Wood, A. J. R. (1998). *Um mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)* (V. Anastácio, Trad.). Algés: Difusão Editorial.
- Saldanha, M. J. (1990). *História de Goa (política e arqueológica)* (Vol. 1). New Delhi: Asian Educacional.
- Silva, A. M. (1813). *Diccionario da lingua portugueza: recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva*. Lisboa: Typographia Lacerdina.
- Vertude da Erva Sancta que he o tabaco (n.d.). In Breve compendio de varias receitas de medicina (n. 59, ff. 2-79v). Biblioteque National de France, Paris.
- Viotti, A. C. C., & França, J. M. C. (2019). *Coleção de várias receitas e segredos de nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.
- Walker, T. D. (2009). Acquisition and circulation of medical knowledge within the early modern Portuguese colonial empire. In D. Bleichmar, P. De Vos, K. Huffine & K. Sheehan (Eds.), *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800* (pp. 247-270). California: Stanford University Press.
- Walker, T. D. (2013). The medicines trade in the Portuguese Atlantic world: dissemination of plant remedies and healing knowledge from Brazil, c. 1580-1830. *Social History of Medicine*, 26(3), 1-29.
- Zupanov, I. G. (2005). *Missionary Tropics: the Catholic Frontier in India (16th-17th Centuries)*. Ann Arbor: University of Michigan Press.